

Figo e figueira dos faraós dos jardins do antigo Egito

Henrique Cunha Junior¹

Resumo: Em 4000 anos de história das civilizações antigas do Vale do Rio Nilo figura um período de grande desenvolvimento cultural e científico africano, destacando grande desenvolvimento urbano e a realização de grandes complexos construtivos, destacando grandes jardins. No Egito, os jardins dos faraós se configuram em um estilo específico, onde figuram alguns espécimes vegetais importantes para a adaptação ao clima do semiárido, quente, empoeirado, quente e seco. Resultando de uma pesquisa sobre urbanismo africano, realizada entre 2010 e 2016, esse artigo apresenta um extrato do trabalho relativo aos jardins egípcios, em particular sobre a árvore conhecida como figueira do faraó, denominada cientificamente como *Ficus Sycomorus*. O artigo caracteriza os jardins egípcios e suas plantas e trata particularmente da Figueira do Faraó, apresentado suas características físicas e sua importância quanto aos usos. Consideramos esse artigo como uma contribuição importante para a aplicação da Lei n. 10.639, sobre história e cultura africana nas áreas do conhecimento das ciências naturais, etnobotânica, paisagismo, arquitetura e urbanismo.

Palavras chaves: Figueira dos Faraós; Figueira sicômoro; *Ficus sycomorus*; Jardins egípcios; Paisagismo africano.

Abstract: In 4000 years of history of the ancient civilizations of the Nile River Valley, there is a period of great African cultural and scientific development, highlighting great urban development and the realization of large construction complexes, highlighting large gardens. In Egypt, the gardens of the pharaohs are configured in a specific style, where some plant specimens are important for adapting to the semi-arid climate, hot, dusty, hot and dry. Resulting from research on African urbanism, carried out between 2010 and 2016, this article presents an extract from the work on Egyptian gardens, in particular on the tree known as the pharaoh's fig tree, scientifically known as *Ficus Sycomorus*. The article characterizes the Egyptian gardens and their plants and deals particularly with the Fig Tree of the Pharaoh, presenting its physical characteristics and its importance in terms of uses. We consider this article as an important contribution to the application of Law N.10.639, on African history and culture in the areas of knowledge of natural sciences, ethnobotany, landscaping, architecture and urbanism.

Keywords: Fig Tree of the Pharaohs; fig sycamore; *Ficus sycomorus*; Egyptian gardens; African landscaping.

50

¹ Doutor em Engenharia Elétrica - Université de Lorraine e Docente da UFC e docente da UFC.

Indexadores:



Resumen: En 4000 años de historia de las antiguas civilizaciones del valle del río Nilo, se da un período de gran desarrollo cultural y científico africano, destacándose un gran desarrollo urbanístico y la realización de grandes complejos constructivos, destacándose los grandes jardines. En Egipto, los jardines de los faraones se configuran en un estilo específico, donde algunos ejemplares vegetales son importantes para adaptarse al clima semiárido, caluroso, polvoriento, caluroso y seco. Como resultado de una investigación sobre el urbanismo africano, realizada entre 2010 y 2016, este artículo presenta un extracto del trabajo sobre los jardines egipcios, en particular sobre el árbol conocido como la higuera del faraón, científicamente conocido como *Ficus Sycomorus*. El artículo caracteriza los jardines egipcios y sus plantas y trata particularmente de la Higuera del Faraón, presentando sus características físicas y su importancia en términos de usos. Consideramos este artículo como una importante contribución a la aplicación de la Ley N.10.639, sobre historia y cultura africanas en las áreas de conocimiento de las ciencias naturales, etnobotánica, paisajismo, arquitectura y urbanismo.

Palabras clave: Higuera de los faraones; higo sicómoro; *Ficus sicomoro*; jardines egipcios; Paisajismo africano.

Indexadores:



1. A FIGUEIRAS DOS FARAÓS É UM ESPÉCIME PARTICULAR DE FIGUEIRA.

Nos 3500 anos de unidade política do estado egípcio se desenvolveram grandes complexos urbanísticos dos quais os jardins era um componente indispensável e necessário para dar uma ambiência refrescante numa região de clima quente e semiárido (CUNHA JUNIOR, 2020-1), (CAPPELEN; JENSEN, 2014). Algumas plantas eram recorrentes em todos os grandes jardins, as tamareiras, as romanas, as acácias do Nilo e as figueiras. As figueiras descritas nos textos antigos do Egito e da Núbia, como também nos textos bíblicos relativos ao antigo Egito eram árvores de grande porte e fornecendo grande área de cobertura ou grandes sombras. No entanto, não é essa característica das figueiras mais comuns no Brasil, o que levou a procurar a especificidade da figueira dos faraós cientificamente denominada como "*Ficus sycomorus*", denominada como: sicômoro, sicômoro, figueira-doida ou figueira do faraó. Esse artigo é um pequeno estrato de uma ampla pesquisa realizada entre 2010 e 2016, sobre urbanismo africano, considerando 6000 anos de produção de cidades no continente africano. Dentro da produção de espaços urbanos nas civilizações do Rio Nilo aparece com grande destaque a produção de jardins. Havendo de uma maneira geral em grande parte do continente a engenharia da produção de grandes jardins em climas áridos e de oásis no deserto. Como há similaridade nas denominações é importante não confundir a mulemba, também chamada de figueira africana, de nome científico *Ficus thonningii*, conhecida no Brasil como gameleira com a figueira do faraó.

52

Uma característica importante dos jardins egípcios com relação aos grandes jardins que conhecemos na atualidade é a demanda de água, geralmente fornecida por irrigação. As plantas cultivadas nos jardins hoje são muito mais exigentes em água, sendo na antiguidade as plantas selecionadas para os jardins eram relativamente xerofíticas, ou seja as terras cultivadas eram realmente "jardins do deserto".

Nesse artigo apresentamos as características dos jardins egípcios de uma forma geral, e as formas da figueira dos faraós, seus usos e propriedades medicinais. Consideramos esse artigo como uma contribuição original para as aulas de ciências naturais, paisagismo a etnobotânica, previstos na aplicação da Lei N.10.639, sobre história e cultura africana em todas as áreas do conhecimento.

2. JARDINS EGÍPCIOS

Uma coleção apreciável de quadros sobre jardins é encontrado na decoração de edificações variadas do antigo Egito. A seguir um exemplo de planta ilustrativa desses jardins. O Jardim apresentado na Figura 1- Com um viveiro de peixes retangular com patos e lótus plantados em volta com tamareiras e árvores frutíferas. Trata-se de um afresco da Tumba de Nebamun, originalmente em Tebas, Egito, 18ª Dinastia (c1380 aC), agora no Museu Britânico, Londres, Reino Unido Pintura sobre gesso, 72 x 62 cm.

Indexadores:



Figura 1- Afresco da Tumba de Nebamun, 18ª Dinastia (1380 a.C)



Fonte: Museu Britânico.

2.1 CONCEITO DO JARDIM EGÍPCIO

Ao longo da história egípcia encontramos grandes construções, grandes urbanismos onde os jardins desempenham várias funções, sendo uma a representação do conceito filosófico da Maat, que é a representação da harmonia e do equilíbrio (CUNHA JUNIOR, 2020-2). Ao longo de toda história egípcia o fundamento do conceito de harmonia e equilíbrio inspira todas as realizações da vida dos seres humanos. Na produção dos espaços de paisagens a simetria da organização do espaço é parte significativa do ideal de harmonia e equilíbrio.

Indexadores:

Dentro da arquitetura e do urbanismo do antigo Egito encontramos quatro grandes formas e funções dos jardins: Jardins públicos comunitários; Jardins de templos; Jardins de palácios; Jardins privados (DAVIS, 2020). Jardim típico no antigo Egito era feito de pelo menos quatro componentes: um muro fechado, um conjunto de estátuas e monumentos, um tanque de água, um poço ou canal e conjunto vegetal formado de árvores, flores, plantas aromáticas e vegetais.

Jardins públicos comunitários - são jardins das cidades no espaço urbano dos mercados e edifícios públicos. Esses jardins comunitários foram lugares de grandes festividades, sendo que existiam hierarquias de espaços sociais e de funções.

Jardins de templos - são divididos em duas categorias. Templos de memória da alma e templos de formação de sacerdotes. Os templos de memória da alma são na literatura ocidental confundidos como tumbas. No entanto nos templos de memória da alma não existiam os cadáveres enterrados, eram apenas de culto a alma a memória do falecido. Como exemplos dessa categoria de templo têm as Pirâmides de Gize e o memorial de Hatsepsut. Os templos de culto foram lugares de formação de sacerdotes, devido à condição de estado teocrático era onde se formavam os administrados, médicos, arquitetos e cientistas em geral. Os templos de formação dos sacerdotes exerciam também a função de academia de formação universitária.

Jardins de palácios - os palácios eram residências de juízes, de administradores importantes e grandes comerciantes. No entanto os palácios eram menos suntuosos que os templos de memória da alma.

Jardins privados - os jardins privados eram espaços menores para pessoas de ainda de certo prestígio social, sem possuir os grandes títulos e as grandes posições do sacerdócio ou da nobreza. Comerciantes bem-sucedidos produziam esses espaços. Mesmo dentro dos jardins privados existiu a diferenciação entre jardins de uso cotidiano e os de repouso da alma.

As características dos jardins do antigo Egito, apresentam como título antigo e clássico o livro de Jean Claude Hugonot, os Jardins do antigo Egito editado em 1989 (HUGONOT, 1989).

2.2 CARACTERÍSTICAS DE DESENHO E ESTRATÉGIAS PROJETOVAIS.

As funções dos jardins nas sociedades do antigo Egito ultrapassou as finalidades estética. Eram criados para além dos prazeres da ambiência térmica, visual e do olfato, para também uma finalidade agrícola, que conduziu uma utilização racional da água e ao desenvolvimento de uma ciência de aclimação de novas espécies botânicas. Muitos jardins realizavam a criação de peixes (HUGONOT, 1989), (CUNHA JUNIOR, 2021).

No entanto o principal objetivo dos jardins egípcios era oferecer sombra e ar fresco (muitas vezes humificado por técnicas diversas) minorando a sensação de uma terra

Indexadores:

árida, carente de uma variedade de árvores e flores, como o Egito. Sua população importava espécies variadas de plantas estrangeiras para seus palácios e templos particulares. Antigos manuscritos contam que a rainha Hatshepsut trouxe trinta árvores de incenso.

Os jardins foram espaços de ambientação utilitários e eram fechados por muros altos e eram geralmente retilíneos e geométricos. Os jardins egípcios não se caracterizavam somente por seus grandes desenhos quando a dimensão física, mas principalmente pelos seus propositos. Era comum encontrar no centro do jardim lagoas retangulares recebiam das águas abastecidas pelo rio Nilo. Existia uma decoração com flores de lótus (*Nymphaea caerulea*) e de Capim do Nilo (*Cyperus papyrus*) e outras plantas aquáticas. Esses jardins também tinham barcos cobertos e pérgulas baixas cuja função era delinear e sombrear os caminhos que ligavam os jardins às suas casas. A forma da construção acompanhava a distribuição da área ajardinada, sendo frequentes as formas angulares, retangulares como quadradas. A perspectiva foi alcançada através do desenho de faixas ao redor dos canais de irrigação que cruzavam as plantações e se conectavam ao rio Nilo. É sabido que os egípcios eram fazendeiros que se destacavam na exploração de suas terras ricas e férteis, cobertas de lodo das cheias anuais do rio Nilo. Esta civilização vivia em harmonia com a natureza, respeitando-a e aproveitando tudo o que ela proporcionava.

Lagoas e piscinas eram uma característica comum dos jardins residenciais dos ricos e poderosos do antigo Egito, e são mostrados em várias pinturas de túmulos. Às vezes, como no jardim do templo mortuário de Hatshepsut em Deir el-Bahri, o lago tinha a forma de um T, com uma parte do T conectada a um rio ou canal. A água geralmente era içada do rio para a lagoa com a mão ou usando um shadouf². Nas lagoas eram criados peixes para alimentação e ornamentação que também eram o lar de aves aquáticas migratórias.

2.3 PLANTAS UTILIZADAS NOS JARDINS EGÍPCIOS.

Entre as espécies mais emblemáticas do Egito encontramos a tamareira (*Phoenix dactylifera*), além das tâmaras, sua seiva era utilizada para produzir vinho e suas fibras para fazer cestos.

A figueira sicômora (*Ficus sycomorus*), considerada a árvore da vida, e associada a Ísis (esposa de Osíris). Foi muito elogiada pela sua sombra espessa e pelos seus frutos, o figo, e a madeira utilizada para a produção de móveis e sarcófagos.

² Shaduf - desenvolvido no período Amarna dos faraós Akhenaten e Tutancâmon, e era uma simples ferramenta operada por dois a quatro homens. Consistia em um longo mastro suspenso, ponderado em uma das extremidades e com um balde suspenso na outra.

Indexadores:



O papiro (*Cyper papyrus*) crescia abundantemente nas margens do rio Nilo, em seu solo úmido e rico; representava o Baixo Egito e, ao secar seu caule, produziam-se os famosos papiros, usados para a escrita.

O lótus egípcio, ou lótus azul (*Nymphaea caerulea*), flutuava ao longo do Nilo, com suas belas e excepcionais flores. Os egípcios adoravam e veneravam a flor de lótus, que abre pela manhã e fecha à noite. Para eles, esta flor era um símbolo de renascimento. Cada parte desta planta, suas raízes, sementes, frutos e pétalas, foi utilizada para diferentes fins, para fins alimentícios, estéticos ou medicinais. Os egípcios os usavam para criar arranjos de flores que ofereciam a seus deuses e que decoravam seus templos, palácios e cerimônias. A flor de lótus representa o Alto Egito.

Uma boa explanação sobre as frutas dos jardins do antigo egito poder ser encontrada na publicação de Abdallah Mohammed Diab (DIAB, 2018), da qual retiramos as informações que seguem neste artigo.

A romã (*Punica granatum*) oferecia delicioso fruto usado para preparar suco de romã e um vinho medicinal. A mandrágora (*Mandragora officinarum*), juntamente com a flor de lótus, foi uma das principais espécies alucinógenas, pois contém um alcaloide, a atropina.

A polpa da palmeira dum (*Hyphaene thebaica*) era usada para sobremesas e doces. Originários do Vale do Nilo e Sudão, no túmulo do faraó Tutankamon foram encontrados 8 cestos de três mil anos com essas frutas. Sabemos que seu fruto era usado como oferenda em funerais. No entanto, os frutos da tamargueira (*Tamarix nilotica-articulata*) não eram comestíveis e eram usados como remédio medicinal para doenças oculares.

A oliveira (*Olea europea*) era importada da Ásia Menor, Síria e Grécia, e tanto a árvore quanto seu óleo eram muito úteis. Amendoeiras (*Prunus dulcis*), que foram importadas da Palestina, também foram usadas para óleo.

Os antigos egípcios cultivavam hortaliças, ervas e especiarias, incluindo cebola, lentilha, alho-poró, pepino, alface, erva-doce, coentro e cominho. Também cultivavam sicômoros, figueiras, tamareiras e palmeiras dom, persea, romãzeira, alfarrobeiras e tamargueiras, além de papiros, lótus, mandrágoras, centáureas, papoulas e marshmallows. As plantas de videira eram populares para fazer vinho. Não apenas uma importante fonte de alimento para cozinhar e comer todos os dias, as hortas também forneciam matérias-primas e materiais para oferendas religiosas e funerárias, e para fazer buquês ornamentais, guirlandas, colares, cosméticos, perfumes, remédios medicinais, materiais de construção e vários objetos do cotidiano como cestos, cordas, tapetes, sandálias, pavios de velas e materiais de escrita.

3 DESCRIÇÃO DA FIGUEIRA DOS FARAÓS OU FIGUEIRA SICOMORA (*FICUS SYCOMORUS*).

Indexadores:



A figueira dos faraós é mencionada nas Escrituras Hebraicas (19:4 - Episódio de Zaqueu), é uma árvore de grande porte, atingindo 10 a 15 metros de altura, com folhagem semelhante a amoreira, se conservando o ano todo verde, sendo uma árvore de vida centenária. Se apresenta sempre viva de verde intenso, e sendo uma árvore diferente das figueiras mais comuns no Brasil, que são de pequeno porte. A principal característica é a folhagem que é densa e ampla e que oferece sempre uma boa sombra.

As figuras 2 e 3 são fotografias das figueiras sicomora para termos uma visão do porte dessa árvore e da sua aparência como forma de caracterização.

Figura 2- Fotografia da Figueira do Faraó



Fonte: *Ficus sycomorus* near Abreha and Atsbeha Church in Ethiopia.-Autor : [Bernard Gagnon](#).

Indexadores:

Figura 3- Fotografia da Figueira sicomora no Parque Nacional Kruger- Africa do Sul.



Fonte: Site do Parque Nacional Kruger.

58

Os frutos da figueiras do tipo do faraó crescem em cachos e são de tamanho e qualidade inferiores aos das figueira comum de pequeno e médio porte. O uso do figo, seu amadurecimento e tamanho depende de um trabalho do agricultor em riscar ou fura a casca do figo verde. Esse procedimento provoca um aumento na emissão do gás etileno, e resulta numa aceleração do crescimento do fruto, aumentando o tamanho em cinco a seis vezes, produzindo também um amadurecimento com menos ataque das pragas. As figuras 4, 5 e 6 apresentam características do figo.

Indexadores:



Figura 4 Os frutos na figueira sicomora



Fonte: Dreamtime.com

Figura 5- Fotografia do figo maduro



Fonte: Dreamtime.com

Indexadores:

Figura 6- Fotografia do figo cortado



Fonte: Dreamtime.com

As áreas de origem natural da figueira sicomora são as dos sul do Sahel e e norte do Trópico de Capricórnio, excluindo as áreas de florestas tropicias da região de Angola e Congo. Sendo que a figueira sicomora aparece de cultivo na história antiga na península arábica e na Palestina. Essas áreas de presença da figueira sicomora são indicadas em verde no mapa da figura 7.

Indexadores:

Figura 7 – As áreas de ocupação da figueira sicomora



Fonte: Dreamtime.com

61

4. USOS MEDICINAIS DA FIGUEIRA DO FARAÓ.

Como uso alimentar humano as folhas da figueira são cozidas como vegetais no Sengal (GUEYE E DIOUF, 2007), Nigéria (IGOLI et al., 2005; LOCKETT E GRIVETTI, 2000), Sudão, Quênia e Etiópia. São folhas rica em proteína variando de 18,7g a 20,5 g em cada 100 g de matéria seca (TEGBE et al., 2006). Apresenta um potencial grande de proteína para combate as doenças causadas por deficiência desta principalmente nos períodos de secas e nas áreas rurais. No continente africano os figos e as folhas de figueira são conhecidas como boas fontes de minerais (LOCKETT et al., 2000) e apresentam alto níveis de cálcio, magnésio e potácio. Existe também amplo uso das folhas como forragem para animais ruminantes (Bamikole e Ikhatua, 2010).

As folhas da figueira contêm látex e maceradas, tomadas por via oral, são utilizadas na medicina tradicional africana para o tratamento de diarreia, gonorreia e diabetes mellitus (NJORONGE E KIBUNGA, 2007). As folhas fervidas são empregadas para tratar feridas. As feridas são lavadas com o extrato da folha como também as as gengevites que sangram. Extratos de

Indexadores:



folhas utilizados para tratar bronquite e infecções urinárias (COUSINS E HUFFMAN, 2002). As folhas maceradas servem para tratar dores de estômago, gastrite, úlceras gástricas e outras condições estomacais em animais (NWUDE E IBRAHIM, 1980).

A casca do caule é triturada e transformada em pó é usada para preparo de infusão no tratamento de gripes, dores de garganta, resfriados, artrite, reumatismo e para aliviar inflamações (DALZIEL, 1937, ORWA et al., 2009).

5. O USO DA MADEIRA DA FIGUEIRA

Os principais tipos de árvores que floresceram nos tempos faraônicos no Egito foram acácia, sicômoro e tamareira cuja madeira era utilizada em carpintaria e marcenaria (ZAKI, 2020).

Nas descrições técnicas da madeira da figueira do faraó temo como sendo a lateral branca e o cerne castanho avermelhado. Com a casca da árvore cinzenta e como fissuras, que quando retirada o tronco é alaranjado com nuances amarela em mudanças de épocas do ano.

Com relação a textura e durabilidade da madeira de sicômoro, é uma madeira pesada, densa, moderadamente dura e forte, de boa e fácil de trabalhar (CREASMAN, 2013). As fibras são retas e pouco onduladas e uniformes. Uma madeira resistente aos climas e ao tempo. Foi considerada como sagrada devido a durabilidades dos sarcófagos do antigo Egito.

A madeira da figueira sicômoro foi muito utilizada na construção civil, nas embarcações e na produção de móveis no antigo Egito (CREASMAN, 2013), (AMOROS, 2000). Uma das características importante é a durabilidade sendo muita utilizada como madeira reciclável desde o antigo Egito até a atualidade.

A árvore figueira sicômoro, a madeira e as técnicas de carpintaria foram exportadas do Egito para ampla região do mediterrâneo. Tornou-se conhecimento da cultura islâmica, referida como árabe na Europa, onde foi expandida o seu emprego náutico e de moinhos pela expansão moura na península ibérica.

Não apenas no Egito os sicômoros foram uma importante fonte de madeiras duráveis, principalmente resistentes à umidade. No período dos tempos bíblicos, referida ao velho testamento, seria ele um elemento importante no ambiente construído da Judeia. Uma passagem do Antigo Testamento ilustra bem o quanto sua madeira se fazia presente na vida na região: “Os tijolos

Indexadores:



caíram, mas construiremos com pedras lavradas; os sicômoros foram derrubados, substituí-los por cedros” (Bíblia, Isaias 9:10). Em grande parte devido as propriedades para a construção naval a madeira de sicômoro se expandiu para regiões africanas, do oriente médio e do mediterrâneo.

6. CONCLUSÃO.

A figueira sicômora (*Ficus sycomorus*) considerada árvore da vida devido a capacidade de ajudar na recuperação de áreas degradadas do semiárido e desérticas, apresentado forte adaptação ao clima quente e seco e contendo raízes profundas que permitem buscar água no subsolo, produzindo grande área de cobertura do solo protegendo contra a evaporação. Utilidade conhecida desde o antigo Egito e posta em prática ali (FINKELSTEIN; LANGGUT; MEIRI; SAPIR-HEN, 2017), que aponta uma utilidade do conhecimento africano passado para o presente da sociedade brasileira para as regiões do semiárido nordestino (CUNHA JUNIOR; LEITE, 2022). Trata-se de uma planta que foi importante para os jardins do antigo Egito, mas que continua importante para o meio agrário de muitos países africanos na atualidade (KASSA; TADELE; MEKASHA, 2015) e poderia ser importante em ser cultivada no semiárido brasileiro.

A árvore da figueira sicômora ou figueira dos faraós apresenta importância nutritiva pela produção dos frutos, mas também pelo uso das folhas na alimentação de animais. Sendo apresenta grandes propriedades medicinais e faz parte da farmacologia tradicional africana.

Embora a pesquisa sobre a árvore da figueira dos faraós tenha sido iniciada devido aos jardins e suas árvores ficou patente as diversas aplicações, da madeira, das folhas e dos frutos. Portanto a figueira dos faraós foi uma árvore não apenas dos jardins dos palácios na antiguidade egípcia sendo cultivada e de grande utilidade desde a antiguidade até depois da idade média com a expansão islâmica.

O estudo apresentado nesse artigo é importante para a aplicação da Lei N. 10.638, sobre história e cultura africana por abordar tema de interesse para as áreas do ensino de botânica, etnofarmacologia e paisagismo. Sendo que existe o fator tecnológico na área de fermentação alcoólica não abordado nesse artigo (CHADEFAUD, 2008), do figo sicômora também são obtidos vinhos.

Indexadores:



REFERÊNCIAS

AMOROS, Maria Vitoria Asensi. **Bois dans le ancienne Egypt**: identifications, usages et commerce. Reflections a partir des objects de colletions egypcienne de Marseille, Dijon et Aimes. Doctorat. Universite de Alicante. 2000.

CAPPELEN, John; JENSEN, Jens. "Egypten - Cairo" (PDF). Climate Data for Selected Stations (1931–1960) (in Danish). **Danish Meteorological Institute**. p. 82. Archived from the original (PDF) on April 27, 2013. Retrieved April 14, 2014.

CHADEFAUD, Catherine. Vigne, viticulture et vinification: traditions et savoir-faire dans l'Égypte ancienne de l'époque des pyramides à l'Empire romain. **Actes des congrès nationaux des sociétés historiques et scientifiques**. Année 2008, 128-16, pp. 32-46. 2008.

CREASMAN, Pearce Paul. Ship Timber and the Reuse of Wood in Ancient Egypt. **Journal of Egyptian History** 6 (2013) 152–176. 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico** (Online), v. 225, p. 10, 2020-2.

CUNHA JUNIOR, Henrique. URBANISMO AFRICANO: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema). **Teias** (Rio de Janeiro), v. 21, p. 371-382, 2020-1.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Urbanismo africano**: 6000 anos construindo cidades. Salvador: Notas de Aula -2021.

CUNHA JUNIOR, Henrique; LEITE, Renan Cid Varela. **Lições da arquitetura vernacular para o árido e semiárido africano**. Artigo de conclusão da Especialização em Projeto Arquitetônico. Universidade Federal do Ceara. 2022.

DAVIS, Jonathan. A Garden for Eternity: The Form and Function of Ancient Egyptian Tomb-gardens. Mestrado em Egito Antigo. 2020.

DIAB, Abdallah Mohammed.(2018). Representations of pomegranate in Ancient Egypt during the New Kingdom. International Journal of Heritage, tourism and Hospitality. **Vol. (12), No. (1/2), 82- 91. March, 2018.**

FINKELSTEIN, Israel; LANGGUT, Dafna; MEIRI, Meirav; SAPIR-HEN, Lidar. Egyptian imperial economy in Canaan: reaction to the climate crisis at the end of the late bronze age. **Ägypten und Levante/Egypt and the Levant** 27, 2017, 249–259.

Indexadores:



KASSA, A.; TADELE, Y.; MEKASHA, Y. (2015). **Ficus sycomorus** (Sycamore Fig or Shola) Leaf, A Potential Source of Protein for Ruminants: A Review. J Fisheries Livest Prod 3: 152. 2015. doi:10.4172/2332-2608.1000152

HUGONOT, J.C. **Le Jardin dans l’Egypte ancienne**, Peter Lang, Paris, 1989.

RAGAZZOLI, Chloé. **La ville et Le jardin rêveries urbaines dans La Littérature égyptienne**. P.15 a 24. Paris, 2008. (tenho copia desse capítulo do livro sem a referência completa).

WILKINSON, Alix. Symbolism and Design in Ancient Egyptian Gardens. **Garden History**. Vol. 22, No.1 ; pp. 1-17 . 1994.

ZAKI, Farag Ebeid. Carpentry in Ptolemaic Egypt. **Journal of Arab University Association**. Vol. 18 No. 2, (2020), pp. 14-26.

Indexadores:

